



HISTÓRIA E MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO: A EDUCAÇÃO DO SÉCULO XX PELA ÓTICA DE UM FILHO DA ÉPOCA

Geisa Carla Gonçalves Ferreira
geisacarla2420@gmail.com
(UFAL)

Resumo

O presente artigo tem por objetivo fazer um estudo sobre como se configurava o acesso à educação em meados do século XX a fim de atentar sob seus meios articuladores entre histórias e memórias da educação. Este artigo se origina de uma pesquisa de campo a partir de uma entrevista realizada com um idoso de 80 (oitenta) anos de idade, análise do relato e observância do aporte teórico. Através do relato do idoso temos a possibilidade de engendrar teoricamente por um período histórico marcado pelo reconhecimento e supervalorização da cultura educacional das camadas mais abastadas da sociedade, e perceber como de fato se delineava a educação para as camadas menos abastadas da sociedade. Trouxemos como aporte teórico para nossa análise nos fundamentamos em Bello (1993), Cambi (1999), Freire (1993), que traça o perfil da história do analfabetismo em nosso país, nos utilizamos também de Paulo Freire (1996), Lopes (1979), Mantoan (2006), Soares (2006), nos utilizamos ainda do site da CNTE (Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação). Para compreendermos o contexto em que ocorreram as principais etapas do nosso estudo (vivências educacionais no século XX), realizamos uma apreciação dos eventos ocorridos na época, com isso apreendemos a percepção de que o século XX se configurou como uma fase da história de humanidade de propagação de novas ideologias e afirmação de uma cultura de reprodução ideológica, pois neste período a humanidade viu a afirmação do capitalismo e de suas tensões imperialistas o que configurou os primeiros embates entre o antagonismo socialista. Sentimos a necessidade de abordar para fins de esclarecimento o MOBRL (Movimento Brasileiro de Alfabetização), devido nosso entrevistado ter apontado esse movimento da década de 70 como uma de suas alternativas para o ingresso a escolarização. No tocante ao relato de experiência das vivências de nosso entrevistado, conseguimos abstrair de forma geral e especificamente em relação à educação, como a população menos abastada da sociedade encontrava dificuldades de ingresso a escolarização, é possível a partir do relato verificar as diversas problemáticas que impediam e/ou dificultavam as práticas educacionais da época. Contudo a partir do que coletamos durante o relato e as contribuições dos teóricos, permitiu esclarecimentos e elucidações sobre a realidade educacional do século XX. Todos os acontecimentos deste capítulo da história da humanidade corroboraram de forma significativa para o diagnóstico da situação educacional da época, a partir dos fatos supracitados entendemos em que moldes eram pensados os cidadãos advindos de uma cultura classicista, elitizada que reafirmava a sociedade burguesa como patamar a ser alcançado, no intuito de “distrair” a grande camada (classe trabalhadora) da sociedade com a carreira técnica sem possibilidade de acepção dos direitos mais fundamentais como o a educação. A sociedade do século XX marchou em direção ao desenvolvimento científico e tecnológico para a acentuação da elite burguesa do comando das instituições sociais, e se eximiu do compromisso com a propagação da cultura letrada – educacional de livre acesso a todos os membros da sociedade.

Palavras-chave: Educação. Relato. Século XX. Sociedade.

Introdução

Nossa pesquisa tem como objetivo interpretar a história da educação brasileira nos primórdios do século XX, a partir da década de 1920. A pesquisa se configura de natureza pesquisa de campo através de um questionário com um idoso de 80 (oitenta) anos de idade, análise do relato e observância do aporte teórico.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

A partir do relato de nosso entrevistado podemos confrontar as informações fundamentadas por autores condizentes ao século XX, com as reais impressões de um membro da sociedade da época em relação à educação. A partir das nossas interpretações, ressaltamos a infeliz herança que o analfabetismo nos trouxe, sendo esta herança tão antiga e ainda tão presente em nossa sociedade. Buscando refletir sob tal temática nos fundamentamos em Bello (1993), Cambi (1999), Freire (1993), Paulo Freire (1996), Lopes (1979), Mantoan (2006), Soares (2006), nos utilizamos ainda do site da CNTE (Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação)¹.

Procuramos atentar sob como vem sendo delineados os rumos da educação brasileira, de que maneira ela se constituiu, como era relacionada às outras atividades, principalmente a prática de ofícios, como e por que sempre foi tão posto em relevância sua importância no meio social.

Através do relato percebemos as limitações que impossibilitaram nosso entrevistado de ingressar na escola, sendo ele membro de uma família simples sem instrução do interior do estado da Paraíba. Durante a entrevista ele atribui muitas vezes sua falta de escolarização aos seus pais que não permitiram que na sua infância ele pudesse ingressar na escola, segundo ele seus pais vinham à escola como uma instituição desvalorizada, no sentido de não trazer nenhum retorno financeiro emergencial, por este motivo o direcionavam para o exercício da prática de ofícios, em seu caso a agricultura. É possível perceber que o evidente preconceito dos pais de nosso entrevistado em relação à escola, parte de uma construção social, advinda do modo de produção capitalista, onde os sujeitos são “adestrados” para o exercício de sua força de trabalho de forma remunerada. Tendo em vista a cultura do moralismo sertanejo que se faz extremamente forte no nordeste do Brasil, essas relações força de trabalho X remuneração imediata, corroboraram para a afirmação mesmo de forma não intencional do paradigma *escola instrução X escola ocupação secundária – desnecessária*.¹

A partir desses pressupostos identificamos as limitações que impediram que muitos outros alunos como nosso idoso, pudessem ingressar na carreira escolar. Apesar disso nós enquanto profissionais da educação verdadeiros *agentes em movimento* devemos conscientizar a sociedade

¹ Para mais informações vide site www.cnte.org.br.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

que a educação não pode ser vista apenas como um projeto de redenção da humanidade, mas que precisa ser valorizada e acima de tudo acreditada para que juntamente com outros fatores emergentes (os direitos humanos) como saúde, segurança, transporte, habitação e tantos outros possam juntos intercalar o problema mundial que toda a humanidade vem vivenciando, em relação a educação.

Contextualização do século XX: Escolas novas e ideologias da educação

No séc. XX, a economia viu a afirmação do capitalismo monopolista e das suas tensões imperialistas. Foi também a época da afirmação do radical antagonista: socialismo. A política também passou por momentos tensos com a democracia e o totalitarismo confrontando-se durante todo o século. Nesse sentido foram criados atalhos para a solução desses problemas de tempos de crise, canais esses de co-formação forçada (**a começar pela escola, que se torna expressa e prioritariamente O LUGAR DE REPRODUÇÃO DA IDEOLOGIA DOMINANTE**). Exacerbou-se o individualismo, e depois cresceu o hedonismo. (CAMBI, 1999).

A cultura idealizou-se por um lado e sofisticou-se por outro e hiperespecializou-se de outro. Entre essas mudanças ligadas entre si, colocou-se também a educação assim como a pedagogia. As práticas educativas voltaram-se para o homem, incluiu novos protagonistas e renovou as instituições de formação.

A teoria alimentou um processo de esclarecimento. Renovação educativa e renovação pedagógica agiram de modo constante no século XX. Entre essas modificações destacamos: A abertura das escolas novas que propuseram um novo modo de pensar e na educação; A presença das filosofias que agiram sobre a elaboração teórica e sobre a prática educativa escolar; O modelo totalitário de educação; A elaboração do personalismo; O crescimento da pedagogia e a relação com a filosofia; A diferenciação das características da pedagogia nos países de 3º mundo, em relação aos países europeus e norte-americanos; Imposição da escola como instituição chave da sociedade democrática; O ativismo foi uma grande voz da Pedagogia Novecentista pelo menos até os anos 50; Ainda nesse período foi ressaltado que a infância deveria ser vista como a idade pré-intelectual e pré-moral. (CAMBI, 1999).





MOBRAL - Movimento Brasileiro de Alfabetização: Possibilidades de um começo

O Movimento Brasileiro de Alfabetização - o MOBRAL surgiu como um prosseguimento das campanhas de alfabetização de adultos iniciadas com Lourenço Filho. Só que com um cunho ideológico totalmente diferenciado do que vinha sendo feito até então. Apesar dos textos oficiais negarem, sabemos que a primordial preocupação do MOBRAL era tão somente fazer com que os seus alunos aprendessem a ler e a escrever, sem uma preocupação maior com a formação do homem, ou seja, a iniciativa ao apelo do ensino segmentado num cunho técnico, voltado apenas para a inserção educacional do alunado numa comunidade letrada.

Foi criado pela Lei número 5.379, de 15 de dezembro de 1967, propondo a alfabetização funcional de jovens e adultos, visando "conduzir a pessoa humana a adquirir técnicas de leitura, escrita e cálculo como meio de integrá-la a sua comunidade, permitindo melhores condições de vida". Apesar da ênfase na pessoa, ressaltando-a, numa redundância, como humana (como se a pessoa pudesse não ser humana!), vemos que o objetivo do MOBRAL relaciona a ascensão escolar a uma condição melhor de vida, deixando à margem a análise das contradições sociais inerentes ao sistema capitalista. Ou seja, basta aprender a ler, escrever e contar e estará apto a melhorar de vida, pois dentro da lógica da ideologia capitalista a partir dessas habilidades o sujeito já pode comercializar sua força de trabalho, para na ilusão do sistema o sujeito além de contribuir com a manutenção social, cresce profissionalmente e ascende socialmente.

A estrutura do MOBRAL era uma árvore de siglas, propiciando o empreguismo característico das repartições públicas. A estrutura administrativa propunha-se a ser descentralizada e subdividida em quatro níveis: a secretaria executiva (SEXEC), as coordenações regionais (COREG), as coordenações estaduais (COEST) e as comissões municipais (COMUN). A estrutura organizacional dividia-se em gerências pedagógicas (GEPED), mobilização comunitária (GEMOB), financeira (GERAF), atividades de apoio (GERAP) e em assessoria de organização e métodos (ASSOM) e assessoria de supervisão e planejamento (ASSUP). Essa estrutura foi alterada por três vezes entre os anos de 1970 e 1978, sempre criando mais cargos. Em 1973, só no MOBRAL central estavam alocados 61 técnicos de formação acadêmica (Quadro três). Neste corpo





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

constam inclusive cinco técnicos de formação militar "*para uma salutar visão multidisciplinar do problema*" (CORRÊA, 1979, p. 126).

O Programa de Alfabetização Funcional apresentava seis objetivos eram eles: I – Desenvolver nos alunos as habilidades de leitura, escrita e contagem; II – Desenvolver um vocabulário que permita o enriquecimento de seus alunos; III - Desenvolver o raciocínio, visando facilitar a resolução de seus problemas e os de sua comunidade; IV- Formar hábitos e atitudes positivas, em relação ao trabalho; V – Desenvolver a criatividade, a fim de melhorar as condições de vida, aproveitando os recursos disponíveis; VI – Levar os alunos: - a conhecerem em seus direitos e deveres as melhores formas de participação comunitária; - a se empenharem na conservação da saúde e melhoria das condições de higiene pessoal, familiar e da comunidade; - a se certificarem da responsabilidade de cada um, na manutenção e melhoria dos serviços públicos de sua comunidade e na conservação dos bens e instituições; - a participarem do desenvolvimento da comunidade, tendo em vista o bem – estar das pessoas (CORRÊA, 1979, p.152).

Analfabeto – Alfabeto, entre a realidade e o sonho

Por meio deste exercício de nos aprofundar em pontos de vista divergentes, nos deparamos com a história da vida de seu Agapito José da Silva, nascido em 12 de Maio de 1928, no estado da Paraíba, no município de Lagoa Nova, situado na zona rural do estado. Hoje aos seus 84 anos de idade ele reside no interior do estado de Alagoas, no município de Novo Lino. Casado há 53 anos, agricultor aposentado, pai de quatro filhos, é esse nosso protagonista de uma história que vem desde a década de 20 até os dias atuais, passando por muitos percalços.

Iniciamos nossas indagações e seu Agapito nos revelou suas experiências vivenciadas acerca da educação (...):

Minha criação foi no sertão do estado da Paraíba, nós morava nas fazenda do patrão do meu pai, ele era roceiro e não tinha estudo, acho que por isso não queria que nós estudasse, ele não achava importante. (AGABITO JOSÉ DA SILVA, 2010).

Observamos nessas falas o posicionamento que seu pai tinha sobre a educação, vista por ele como desnecessária, como nos disse ele [... *meu pai achava que estudar era coisa de quem não*





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

tinha nada pra fazer, quem não se ocupa...]. Notamos aí traços da educação dual para ricos e pobres, pois nesta época quem não tinha ocupação eram os filhos das pessoas mais abastadas e não tinham ocupação no sentido de terem que desenvolver atividades laborais diferentemente dos filhos da classe trabalhadora que para fins de condições de vida necessitavam trabalhar para ajudarem suas famílias a garantirem entre outras coisas a alimentação. Esta configuração entre filhos da classe trabalhadora e filhos da classe mais abastada socialmente corroborou e ainda corrobora (infelizmente) para a produção de intelectuais apenas advindos da burguesia como aponta (CAMBI, 1999). Tratando de suas relações familiares, nosso entrevistado nos disse que

Nós não tinha casa própria, a gente vivia se mudando e dependia do trabalho do meu pai, nós já passou dificuldade, como nós se mudava muito e era muito pobre não dava pra ir pra escola, eu comecei logo a trabalhar porque precisava ajudar em casa eu e meus irmão. (AGABITO JOSÉ DA SILVA, 2010).

Os problemas que envolvem o meio rural do tipo ter uma família numerosa, a falta de empregabilidade dos pais, o baixo poder aquisitivo, infelizmente não é traço peculiar do século XX, pelo contrário a acentuação do modo de produção capitalista só fez aumentar o número de famílias que convivem com este tipo de problema, ou por melhor dizer com este tipo de falta, verificamos isso frequentemente em diversas regiões de países emergentes como o nosso, e em nosso contexto mais precisamente na região Nordeste.

Analisando as questões que permeiam os problemas educacionais de nossa região percebemos grandes embates que devem ser ultrapassados, pois a educação de qualidade deve ser fundamento essencial de nossa sociedade independente do estado ou região. Pelo contrário, o que deveria ocorrer de fato é o reforço de investimento naquelas regiões que apresentassem maior dificuldade de desenvolvimento seja ele educacional, ou de qualquer outra ordem.

Com relação ao incentivo por parte das pessoas com que nosso entrevistado obtinha alguma proximidade, contou-nos ele que

Uns fazendeiro que era patrão do meu pai mandavam ele coloca nós na escola eles dizia assim ‘Coloca esses menino pra estudar’, os fazendeiro tinha lá nas fazenda os grupos escolar pra os filhos deles e dos empregado estudar. (AGABITO JOSÉ DA SILVA, 2010).





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

A essas escolas ou como nos disse ele “grupos escolar” podem receber a denominação de filantrópicas, comunitárias ou confessionais, a estas são destinadas diferentes isenções fiscais, “regalias” que prioritariamente deveriam serem concentradas na escola pública de direito. Ressaltamos que na época em que nosso entrevistado poderia ter ingressado em uma destas escolas, o interesse dos donos das fazendas responsáveis pela manutenção das essas escolas financeiramente, ainda que com poucos recursos, o propósito dos fazendeiros era de cunho político, pois ele nos disse que [... *eles não ganhava nada com a escola, mas queria passa uma boa imagem pra o pessuá da redondeza...*]. Neste sentido refletimos que esta “boa imagem” que os donos dessas escolas tinham o objetivo de passar, estava diretamente ligada ao paternalismo, e ao enfraquecimento da implementação das escolas públicas, que além de captarem mais recursos, faria inclusive que a imagem de “bem – feitor” dos fazendeiros fossem aos poucos esquecida.

Há um traço muito importante nas falas de nosso idoso, ele diz que seu pai era analfabeto, mas que [... *minha mãe sabia lê e escreve, mas meu pai não dexava ela ensina nois...*]. O que o pai de seu Agapito acreditava era que não fosse realmente necessário para os meninos, a caso dele e de seus irmãos porque [... *nós só precisa trabalha pra gente sê gente e as menina se aprender a leitura ia escreve carta pu namorado...*].

Para Freire (1993), o analfabetismo brasileiro continua se reproduzindo com a reprodução da sociedade injusta, ou ainda dialeticamente articulada que continua a reproduzir em grande parte os erros do passado mantendo a concepção discriminatória da educação das elites brasileiras, associando também a noção de pecado (...), proibindo às mulheres e homens também a presença em ambientes que lhes facilitassem a aquisição do saber (FREIRE, 1993).

O tempo passou e seu Agapito continuou com a vontade de estudar, teve ele sua primeira oportunidade de ir à escola, na época ele já tinha seus 18 anos de idade. A escola nesta ocasião era do filho do fazendeiro, onde na época ele e sua família ainda residiam, ainda no estado da Paraíba no ano de 1946, entusiasmado nos contou ele que [... *fui logo oiar como era as aula, lá tinha um tempo pra o estudo e outro pra uma “dança” fui oiar três dias, mais quando eu ia entra pra estudar teve uma briga na dança e a escola fechou ...*].

Depois dessa ultima experiência muitos anos se passaram, seu Agapito constituiu família, e se afastou completamente da escola, inclusive da educação dos filhos, mas ressalta ele que [... o





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

trabalho não deixava, eu não tinha tempo pra isso...]. Como nos disse ele a respeito desses últimos anos “sofrendo sem estudo” ele voltou a ter contato com a escola, já aqui no estado de Alagoas, através do Mobral (**Movimento Brasileiro de Alfabetização**) nos anos de 1970, houve então uma nova tentativa de ingressar nesta escola, mas infelizmente mais uma vez seu Agapito teve essa possibilidade descartada, nos disse que [... *por causa de problemas não consegui ir à escola...*].

O Movimento Brasileiro de Alfabetização – O MOBRL - surgiu no Brasil em 15 de dezembro de 1967 como substituição das campanhas de alfabetização de adultos iniciadas com Paulo Freire. Era fruto da Ditadura Militar, iniciada no Brasil em 1965. Assim, os militares pretendiam retirar o conteúdo político e revolucionário das campanhas de Paulo Freire. Um dos principais objetivos do Mobral era tão somente fazer com o que seus alunos aprendessem a ler e a escrever, sem uma preocupação maior com a formação do homem (BELLO, 1993).

Já com seus 79 anos de idade, no ano de 2007, no município onde reside Novo Lino - AL houve a abertura de um Projeto de Alfabetização para a melhor idade. Os objetivos desse projeto tinham em vista que os idosos que possuíssem o desejo de se alfabetizar, ao menos para que esta atividade fosse efetivada visando à melhoria do condicionamento físico dos idosos que tivessem interesse de participar desse projeto, pois estes que possuem um sistema imunológico que apresenta deficiências comuns da idade bem avançada. Por incrível que possa parecer seu Agapito quis engajar-se neste projeto e disse-nos ele que [... *fui logo guarda minha vaga...*].

Nós últimos anos ele frequentou os encontros desse projeto dentro de suas possibilidades, e hoje com certa dificuldade já consegue assinar seu nome, não aprendeu a ler por problemas de saúde, apesar de ele demonstrar muita satisfação por ter frequentado essas aulas, não podemos dizer que trata de uma pessoa alfabetizada totalmente, apesar de ele e seus familiares notarem de certo modo um leve progresso.

Por (...) vezes seu Agapito se lembra de seus pais quando falamos do analfabetismo, e ele muitas vezes culpa seus pais por sua condição de analfabeto, mas não demonstra (...) rancor ou mágoa de seus pais, apenas insatisfação é o que nos parece mais evidente. A respeito disto nos disse ele que [... *me sinto muito feliz por ter tido a chance de me sentir aluno, quando eu estava aprendendo eu era gente...*].





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Para ele “A escola é vista como uma casa de estudo, que serve para aprender todas as coisas bonitas do mundo, é lugar também de ser um cidadão melhor”. Apesar de possuir uma imagem equivocada de escola, aproximando ela da concepção de redentora dos problemas sociais, que seja também responsável pela constituição pessoal de cada ser, entendemos sua afirmativas, mas devemos cada vez mais melhorar ou adequar a real concepção de escola que a sociedade deve passar a enxergar.

Entendemos que a escola deve assumir seu papel real, lugar de formação intelectual, apropriação das praticas educativas é qualquer estabelecimento ou instituição de educação. Essa concepção surgiu da filosofia dos gregos antigos, onde eles se reuniam em praças públicas para praticar filosofia e trocar ideias.

Sobre sua escolha profissional, nos contou ele que [... *se eu tivesse tido a oportunidade queria ter entrado no exército, pelo menos como primeiro sargento, porque o exército vem em primeiro lugar numa nação...*], percebemos nele um posicionamento patriotista, que se intensificou com a Revolução Francesa (1789) nesse período foi ressaltado a separação de criança e família, o que se instaurou foi o ideal de formar cidadãos para o exército, para a pátria (CAMBI, 1999).

O senhor entrevistado nos contou ainda que [... *eu não tinha camarada sempre fui só, falava com o povo, mas pouco nunca tive conselho de ninguém, muito menos dos estudado...*], nos contou também que [... *o povo não ajudava não, os que estudava era ignorante, imagina os analfabeto...*]. Essa questão assume contornos sociais, porque a sociedade da época não valorizava a educação, daí a falta de incentivo para o ingresso em escolas ou instituições de formação, as pessoas não tinham acesso à escola, pois eram como foi ressaltado por nosso idoso, incapazes de incentivar que alguém ingressasse nas escolas.

Finalizando nossa entrevista, indaguei-o a respeito de suas concepções sobre uma pessoa analfabeta e outra alfabetizada ele nos disse que [... *a alfabetizada é viva e a analfabeta é morta...*]. Diante dessa fala fica evidente a concepção de mundo que possui uma pessoa analfabeta, que se imagina à margem da sociedade e se sente inferior, menosprezado e essas concepções são capazes de desencadear outros problemas totalmente relacionados à auto-estima de cada um.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Dessa forma encerramos nossa conversa com seu Agapito, e ele nos deixou um conselho [... *nunca tive como estudar, acontecia sempre alguma coisa, mas quem puder estudar, estude sempre, para ser alguém na vida, eu sei o como é difícil não ter estudo nessa vida...*].

Considerações finais

Durante nossa pesquisa estabelecemos um dialogo entre a atual situação dos analfabetos de nosso país, evidenciando suas denominações, a partir dos nossos estudos em relação á trajetória educacional brasileira da segunda metade do século XX.

Infelizmente nos deparamos com a realidade de analfabetismo de nossa tão castigada região, mas atentamos para que este problema não assuma apenas caráter regional, mas nacional também tendo em vista as raízes da herança que o Brasil carrega para o século XXI, e que por esse motivo não consegue ainda sobressair da realidade do século XX e porque não dos outros séculos. O analfabetismo brasileiro continua existindo com a reprodução das práticas excludentes e elitistas que a sociedade propaga em relação à escolarização das classes menos abastadas socialmente.

Nos relatos colhidos em nossa pesquisa pudemos explanar de forma mais ampla e real situação da educação brasileira dos últimos anos, pudemos perceber como se deram as relações entre família e escola através das falas de nosso idoso, estivemos realmente centrados na razão que afastou milhares e milhares de alunos como nosso entrevistado da sala de aula, e atribuímos essa visão como moralista, pois ela em caráter integral impossibilita o acesso de muitos alunos à escola.

Notamos ainda as relações das escolas filantrópicas, como nos disse nosso entrevistado “as dos fazendeiros”, como e porque estas recebiam valor pessoal no meio social vivido na época, partindo de que estas atividades assumiam caráter paternalista, no intuito de provocar nas pessoas “uma boa imagem”.

Mas gostaríamos de ressaltar os valores da educação, priorizando a escola que neste período recebeu denominação tão difusa na atmosfera vigente do país, ressaltar que a esta não deve ser atribuída a concepção de redentora da humanidade não é manter um perfil repetitivo,





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

mas sim um aspecto de valor central para uma sociedade que procura depositar a educação uma carga que nenhum meio social possui a de valor primário para a resolução dos problemas sociais, tendo em vista que para estes fins todos os fatores emergentes da sociedade precisam estar articulados.

Para concluir salientamos sob a contribuição da iniciação científica que esta ainda breve pesquisa nos trouxe, atentando sob seus meios articuladores entre historias e memórias da educação no século XX, levando em consideração sua perspectiva de resgatar vivencias reais de fatos até em tão esquecidos ou nunca citados da historia da educação brasileira.

Referências

BELLO, José Luís Paiva. **Movimento Brasileiro de Alfabetização - MOBRAL**. História da Educação no Brasil. Período do Regime Militar. **Pedagogia em Foco**, Vitória, 1993. Disponível em: <<http://www.pedagogiaemfoco.br>>. Acesso em: 15 jun. 2010.

CAMBI, Franco. **Historia da Pedagogia**. trad. Álvaro Lorencini. São Paulo: UNESP, 1999.

FREIRE, Ana Maria Araújo. **Analfabetismo no Brasil**: da ideologia da introdução do corpo à ideologia nacionalista. 2. ed. Rev. São Paulo: Cortez, 1993. (Biblioteca da educação. Série 1. Escola; v. 4).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários á pratica educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção leitura).

JOSÉ, Agabito. **Relato**: de experiência. Maceió: CEDU, 2010.

LOPES, Arlindo Corrêa. **Educação de massa e ação comunitária**. Rio de Janeiro: AGGS: Mobral, 1979.

MANTOAN, Maria Tereza Eglér. **Inclusão escolar**: pontos e contrapontos. Valeria Amorim Arantes (Org.). São Paulo: Summus, 2006.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema três gêneros. 2 ed, 11ª reimpr. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

Anexo

Roteiro de entrevista com o idoso analfabeto

1. Lugar e época onde nasceu (zona rural ou urbana);
2. Citar se havia escola próxima onde morava;
3. Lembrar do tipo de relacionamento com a família;
4. Mencionar se os pais haviam sido alfabetizados;
5. Apontar os motivos pelos quais não chegou a estudar;
6. Mencionar se considera importante os estudos na vida de cada individuo e explicar as razões;
7. Citar o que a escola lhe teria garantido, caso tivesse estudado;
8. Apontar os efeitos negativos na vida de um individuo que não sabe ler nem escrever;
9. Avaliar o que seria uma escola, o que aprenderia nela e o que ensinaria um professor;
10. Se tivesse estudado, no que teria se formado. Explicar as razões.
11. Lembrar se conviveu com pessoas que estudaram e o que elas diziam sobre a escola;
12. Definir uma pessoa alfabetizada e outra analfabeta.

